

O Grupo São Roque está colocado tectonicamente sobre o GSI, através de uma zona de cisalhamento de baixo ângulo parcialmente truncada por transcorrências. Tem na sua base metaconglomerados e é representada por ritmitos com corpos subordinados de metarenitos e filitos grafitosos pertencentes à Fm. Piragibú. — (26 de junho de 1997).

1997

OS METARCÓSEOS DO MORRO DO POLVILHO: IMPLICAÇÕES PARA A GEOCRONOLOGIA E PARA EVOLUÇÃO CRUSTAL DOS GRUPOS SERRA DO ITABERABA E SÃO ROQUE (SP)

CAETANO JULIANI¹

MARCO AURÉLIO BONFÁ MARTIN^{2*} E
SILVANO DE JESUS CLARIMUNDO^{3**}

Credenciado por UMBERTO G. CORDANI

¹Departamento de Mineralogia e Petrologia, IGUSP.

²DMP-IGUSP.

³IGUSP.

Os metarriodacitos subvulcânicos do Morro do Polvilho foram descritos como intercalados em metarcóseos da Unidade de Metapsamitos Impuros do Grupo São Roque (GSR), que incluiria sua seqüência vulcano-sedimentar (Carneiro *et al.*, 1984 – Relações geométricas e... Cong. Bras. Geol., 33, v.7, p. 1399-1406), correlata ao de Grupo Serra do Itaberaba (GSI).

Entretanto, estas rochas estão em contato gradual com metaconglomerados e apresentam texturas e estruturas sedimentares preservadas, com clastos de feldspato potássico, plagioclásio, quartzo, quartzito, rochas graníticas, etc, e são idênticas aos metarcóseos do Morro Doce, com os quais estão em continuidade, indicando serem, de fato, parte dos metassedimentos imaturos. A matriz é composta por quartzo, muscovita, biotita, epídoto e felspatos e acessórios. Estes metarcóseos e metaconglomerados gradam para quartzitos feldspáticos e para os metarrítmitos da Fm. Estrada dos Romeiros.

Litoestratigraficamente estão colocados sobre a Fm. Morro da Pedra Preta (vulcanossedimentar) do GSI através de uma zona de cisalhamento de baixo ângulo, com transporte para norte/noroeste, que justapõe os terrenos de baixo grau metamórfico e de baixa pressão (GSR) a terrenos de médio grau e de pressão intermediária (GSI).

Conseqüentemente, a idade de 1,79 Ga obtida em zircões dos metarcóseos (Van Schmus *et al.*, 1986 – Estudo geocronológico... Cong. Bras. Geol., 34, v.3, p. 1399-1406) indica a idade máxima de sedimentação do GSR e não pode ser utilizada para definição do início da sedimentação do GSI.

Considerando-se a idade de 1,2 Ga. (Rb-Sr) de seixos do metaconglomerado do Morro Doce, pode-se supor que a deposição e a evolução do GSR deu-se no Proterozóico Superior. Já ao GSI faltam dados, mas, considerando-se a idade K-Ar de 1,69 Ga. de um metabasalto, sua evolução pode remontar-se ao Proterozóico Inferior. — (26 de junho de 1997).

*Pós-Graduação.

**Graduação.

1503304

GEOTERMOBAROMETRIA E EVOLUÇÃO

METAMÓRFICA P-T-t DO GRUPO SERRA DO ITABERABA (SP)

CAETANO JULIANI¹

ANNABEL PÉREZ AGUILAR^{2*} E

MARCO AURÉLIO BONFÁ MARTIN^{2*}

Credenciado por UMBERTO G. CORDANI

¹Departamento de Mineralogia e Petrologia, IGUSP.

²DMP-IGUSP.

Recentemente foram iniciados estudos geotermobarométricos dos eventos metamórficos que afetaram as supracrustais do Grupo Serra do Itaberaba (GSI), embasados em critérios geológicos, texturais e microestruturais detalhados, especialmente em metapelitos, anfíbolitos com granada e anfíbolitos com cordierita, granada, cummingtonita e antofilita.

Foram utilizados pares e associações de minerais, zonados e com sobrecrescimento como: plagioclásio-hornblenda, granada-biotita, granada-biotita-Al₂SiO₅-muscovita-plagioclásio e granada-anfibólito, dentre outros. Também foram feitos estudos nos mesmos minerais através da geotermobarometria dos estados de equilíbrio (TWQEEU).

Os resultados indicam que o metamorfismo associado ao evento Serra do Itaberaba, registrado nos minerais dos domínios microestruturais da S₁, apresenta evolução horária, com o grau variando da fácies dos xistos verdes superior (núcleo dos minerais) até o limite superior da fácies anfibólito (bordas), em regime de

pressão intermediária (~490 até 650°C e ~4 até 7 kbar), com queda aproximadamente isotérmica da pressão no seu final. Nos minerais superpostos ou associados aos domínios da S₂, há também desenvolvimento de um evento progressivo da fácie dos xistos verdes superior até a fácie anfibolito, mas em regime de menor pressão (~500 até 580°C e ~4 até 4,7 kbar), ao qual segue-se queda da pressão e retrometamorfismo, em trajetória P-T-t horária, que trunca a trajetória do evento anterior. Assim, os resultados indicam que houve um metamorfismo progressivo (evento Serra do Itaberaba), ao qual seguiu-se a exumação dos terrenos, subsidência, deposição e metamorfismo do Grupo São Roque, ocasionando o remetamorfismo das rochas do GSI. Estes resultados descartam as interpretações que consideram as supracrustais Serra do Itaberaba/São Roque como evoluídas em um único ciclo geotectônico. — (26 de junho de 1997).

*Pós-Graduação.

No frontão do planalto, na região do Córrego do Galvão (1900-2007m), foram observadas reativações tectônicas ao longo da Falha de Jundiuvira, expressas por estruturas tectônicas rúpteis. Foram identificados três regimes neotectônicos superpostos: inicialmente um binário transcorrente dextral com falhas transcorrentes dextrais ENE/ESE e sinistrais NNW, conforme modelo de cisalhamento proposto por Riedel, seguido por um regime de extensão de direção E-W que afeta as *stone-lines* e, finalmente compressão E-W, registrado por juntas conjugadas em colúvios e solos.

Esses dados preliminares indicam que a região do Planalto de Campos do Jordão esteve sujeita a um regime de esforços semelhante aos descritos para áreas vizinhas já estudadas, no contexto do Rift Continental do Sudeste do Brasil, como no Vale do Rio Paraíba do Sul e no Maciço Alcalino de Itatiaia. — (26 de junho de 1997).

*Auxílio da FAPESP, Processo 96/08239-5.

**Bolsista de Pesquisa do CNPq.

NEOTECTÔNICA NO PLANALTO DE CAMPOS DO JORDÃO, SP: PRIMEIRA APROXIMAÇÃO*

SILVIO TAKASHI HIRUMA¹,

CLAUDIO RICCOMINI^{2**} E

MAY CHRISTINE MODENESI¹

Credenciado por UMBERTO G. CORDANI

¹Instituto Geológico, Secretaria do Meio Ambiente de Estado (SP).

²Instituto de Geociências, USP.

O Planalto de Campos do Jordão, situado na porção sudoeste do bloco principal da Serra da Mantiqueira, constitui a superfície cimeira do Brasil de Sudeste. Para a definição e caracterização do quadro neotectônico dessa região estão sendo integrados estudos geomorfológicos, estratigráficos e estruturais.

Trabalhos anteriores indicaram evidências geomorfológicas associadas ao tectonismo recente no planalto, tais como: capturas de drenagem, vales assimétricos com escarpas retilíneas, facetas triangulares e trapezoidais e vales suspensos.

A análise de mapas morfométricos (densidade de drenagem, gradientes hidráulicos, superfícies de bases) permitiu definir descontinuidades e individualizar setores de comportamento anômalo, provavelmente associados à tectônica recente.

ESTRATIGRAFIA DE SEQÜÊNCIAS DO GRUPO BAMBUÍ (PROTEROZÓICO SUPERIOR), NAS SERRAS DE SANTA HELENA E DA ÁGUA FRIA, ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL. PROPOSTA DE UM AR CABOUÇO CRONOESTRATIGRÁFICO DE 3^a ORDEM

JOSÉ ROBERTO CANUTO

Credenciado por UMBERTO G. CORDANI

IGc-USP.

A Serra de Santa Helena, a norte da cidade de Sete Lagoas, MG, apresenta rochas do Grupo Bambuí, sobre o cráton do São Francisco, compondo as formações Sete Lagoas, Santa Helena, Lagoa do Jacaré, Serra da Saudade, e Três Marias, sobrepostas nessa ordem, estratigraficamente. A Serra da Água Fria apresenta sucessão sedimentar semelhante, incluindo, porém, na base da coluna sedimentar, a Formação Jequitaí, sob a Formação Sete Lagoas. Associando-se as duas regiões serranas, tem-se a estratigrafia completa do Grupo Bambuí, segundo Dardenne (1978), Dardenne & Walder (1979), e Dominguez (1993), na qual já se conhece sua natureza cíclica, relacionada à variação relativa do nível do mar. Nesta ocasião, foram reconhecidos *quatro ciclos* sobrepostos, assim definidos, da base para o topo: 1) Formação Jequitaí, com pavimentos estriados e